

# 1

O meu pai morreu há um ano. Não acredito na teoria segundo a qual só nos tornamos *realmente adultos* com a morte dos nossos pais; nunca nos tornamos *realmente adultos*.

Diante do caixão do velho, ocorreram-me pensamentos desagradáveis. O sacana tinha aproveitado bem a vida; safara-se à grande. «Fizeste filhos, meu cretino...», disse vivamente para comigo; «enfiaste a tua peça grossa na rata da minha mãe.» A verdade é que estava um bocado tenso; não é todos os dias que temos um morto na família. Recusei-me a ver o cadáver. Tenho quarenta anos, já tive várias oportunidades de ver cadáveres; agora, prefiro evitar. É isso que me tem impedido de comprar um animal doméstico.

Também nunca me quis casar. Tive oportunidade de o fazer, por várias vezes; mas acabei sempre por recusar. E no entanto, gosto muito de mulheres. Na minha vida, ser solteiro é um bocado chato. Sobretudo durante as férias. Nas férias, as pessoas desconfiam dos homens sozinhos quando atingem uma certa idade; imaginam-nos muito egoístas e talvez um pouco libertinos; não posso deixar de lhes dar razão.

Depois do enterro, entrei na casa onde o meu pai vivera os seus últimos anos. O corpo tinha sido descoberto uma semana antes. Naquela altura, havia alguma acumulação de poeira junto aos móveis e nos cantos da casa; no vão de uma janela, apercebi-me da existência de uma teia de aranha. O tempo, a entropia e todas essas coisas tomavam já lentamente conta do lugar. O frigorífico estava vazio. Nos armários da cozinha havia sobretudo pacotes de refeições individuais

*Weight Watchers*, caixas de proteínas aromatizadas e barras de suplementos energéticos. Deambulei pelo rés do chão enquanto roía um biscoito de magnésio. Na casa da caldeira, fiz um bocado de bicicleta de ginásio. Com mais de setenta anos, o meu pai tinha uma preparação física superior à minha. Fazia todos os dias uma hora de ginástica intensiva e uma série de «piscinas» duas vezes por semana. Ao fim de semana, jogava ténis e andava de bicicleta com pessoas da sua idade; encontrei algumas delas no velório. «Ele é que puxava por nós!...» exclamara um ginecologista. «Tinha mais dez anos do que nós, mas dava-nos um minuto de avanço numa subida de dois quilómetros.» Meu pai, disse eu para comigo, como era grande a tua vaidade. À esquerda do meu campo de visão estavam halteres e um banco de musculação. Visualizei imediatamente um cretino em calções — de cara enrugada, mas muito parecida com a minha — a encher os peitorais com uma energia sem esperança. Pai, disse eu novamente, andaste a fazer castelos na areia. Por mim continuava a pedalar, mas começava a perder o fôlego e as coxas doíam-me um bocado; mas não tinha passado do nível um. Pensando novamente na cerimónia fúnebre, tinha consciência de ter causado uma excelente impressão. Sou estreito de ombros e todos os dias me escanhoo bem; como me surgiu um princípio de calvície por volta dos trinta, resolvi usar o cabelo muito curto. Uso habitualmente fatos cinzentos e gravatas discretas, e não tenho um ar muito alegre. De cabelo muito curto, óculos de aros finos e expressão carregada, enquanto baixava ligeiramente a cabeça para ouvir um *mix* de cânticos funerários cristãos, sentia-me completamente à vontade na situação — muito mais à vontade do que, por exemplo, num casamento. Decididamente, os enterros são a minha especialidade. Deixei de pedalar, tossi ligeiramente. A noite caía sobre os prados em volta. Junto à estrutura de betão onde está encastrada a caldeira, distinguia-se uma mancha acastanhada mal limpa. Foi aqui que encontraram o meu pai, com a cabeça aberta, envergando uns calções e uma *T-shirt* com a frase *I love New York*. Segundo o médico legista, a morte acontecera há três dias. Em rigor, era possível pensar-se em acidente, poderia ter escorregado numa poça de óleo ou noutra coisa qualquer. Mas o pavimento estava completamente seco; e o crânio estava fraturado em vários pontos, havendo mesmo um bocado de cérebro derramado no chão;

muito provavelmente, estava-se perante um caso de homicídio. O capitão Chaumont, do comissariado de Cherbourg, devia vir encontrar-se comigo naquela noite.

Quando voltei à sala liguei o televisor, um *Sony* de 16/9 com ecrã de 82 cm, som *surround* e leitor DVD incorporado. A TF1 estava a dar um episódio de *Xena, a Guerreira*, uma das minhas séries preferidas; duas mulheres bem musculadas, envergando minissaias em pele e coletes metálicos, desafiavam-se de sabres em punho. «O teu reino já durou tempo de mais, Tagrathâ!», exclamava a loira; «eu sou Xena, a guerreira das Planícies do Oeste!» Bateram à porta; baixei o som.

Lá fora, a noite caíra. O vento abanava levemente os ramos encharcados pela água da chuva. Na entrada estava uma rapariga de cerca de vinte e cinco anos, com ar norte-africano. «Chamo-me Aïcha», disse ela. «Era eu que fazia a limpeza em casa do Sr. Renault, duas vezes por semana. Venho buscar as minhas coisas.»

«Faça favor...», disse eu, «faça favor...» E fiz um gesto que pretendia ser de acolhimento, o esboço de um gesto. A rapariga entrou e olhou de relance para o ecrã: as duas guerreiras lutavam agora corpo a corpo, mesmo junto a um vulcão; suponho que, para certas lésbicas, o espetáculo tem o seu quê de excitante. «Não quero incomodar», disse Aïcha, «bastam-me cinco minutos.»

«Não incomoda nada», disse eu; «aliás, nada me incomoda.» A rapariga acenou com a cabeça como se compreendesse, e os seus olhos demoraram-se um pouco na minha cara; talvez quisesse ver se eu era parecido com o meu pai, ou então avaliar as semelhanças morais. Depois de alguns segundos de observação, voltou-se e subiu as escadas que dão para os quartos. «Fique o tempo que quiser», disse-lhe eu com uma voz abafada, «fique o tempo que quiser...» A rapariga não respondeu nem parou de subir; provavelmente não tinha percebido. Voltei a sentar-me no sofá, esgotado pelo confronto. Podia ter-lhe dito que tirasse o casaco; normalmente dizemos às pessoas para tirarem o casaco. Nessa altura, tomei consciência do frio horrível que estava na sala — um frio húmido e penetrante, um frio de jazigo. Não sabia ligar o aquecimento, nem tinha vontade de ten-

tar, agora o meu pai estava morto e eu tinha de sair dali rapidamente. Mudei para a FR3 a tempo de ver a última parte de *Questions pour un champion*. No momento em que Nadège, de Val-Fourré, informava Julien Lepers de que punha o seu lugar em jogo pela terceira vez, a rapariga surgiu na escada com um saco pequeno ao ombro. Desliguei a televisão e dirigi-me rapidamente para ela. «Sempre tive uma grande admiração por Julien Lepers», disse eu. «Mesmo quando não sabe nada de especial sobre a cidade ou a aldeia de onde o candidato é natural, consegue sempre dizer alguma coisa sobre a região ou a zona mais próxima; pelo menos, tem um certo conhecimento do clima e das belezas naturais. Mas, sobretudo, conhece a vida das pessoas: para ele, os candidatos são seres humanos, sabe das suas dificuldades e das suas alegrias. Nada da realidade humana dessas pessoas lhe passa ao lado ou lhe é hostil. Seja qual for o candidato, Julien Lepers consegue pô-lo a falar do trabalho, da família, das coisas de que gosta — enfim de tudo aquilo que, aos seus olhos, pode constituir uma vida. Muitas vezes os candidatos fazem parte de uma banda, de um grupo coral; esforçam-se para organizar festas da terra, ou dedicam-se a causas humanitárias. Os filhos estão quase sempre na sala com eles. De um modo geral, ficamos com a impressão de que são pessoas felizes, e nós próprios nos sentimos também mais felizes e melhores. Não acha?»

Ela olhou-me sem sorrir; tinha os cabelos apanhados na nuca, a cara quase sem pintura, e roupas muito discretas; uma rapariga séria. Depois de alguns segundos de hesitação, disse numa voz baixa, ligeiramente enrouquecia pela timidez: «Eu gostava muito do seu pai.» Não encontrei palavras para lhe responder; parecia-me estranho, mas apesar de tudo possível. O velho devia ter muitas histórias para contar: fizera viagens à Colômbia, ao Quênia e a mais não sei onde; chegara a observar rinocerontes, com a ajuda de binóculos. De cada vez que nos encontrávamos, limitava-se a fazer ironia sobre o meu estatuto de funcionário e a segurança que isso dava. «Arranjaste um bom tacho...», dizia ele sem esconder um certo desprezo; em algumas famílias, é sempre uma coisa difícil de aceitar. A rapariga continuou a falar: «Andei no curso de enfermagem, mas como saí de casa dos meus pais tenho de trabalhar a dias.» Esforcei-me por dar seguimento à conversa: talvez devesse fazer-lhe perguntas sobre o preço

das rendas de casa em Cherbourg... Por fim, optei por um «Ah, sim...», tentando transmitir um certo conhecimento das coisas da vida. Para Aïcha foi o suficiente, e dirigiu-se para a porta. Pela minha parte, encostei a cara à vidraça para observar o *Volkswagen Polo* dela a dar meia volta na estrada enlameada. Na ER3 havia um telefilme rural cuja ação se desenrolava no século XIX, com Tchéky Karyo no papel de trabalhador agrícola. Entre duas lições de piano, a filha do proprietário — interpretado por Jean-Pierre Marielle — era pródiga em intimidades com o seu rústico sedutor. Os encontros tinham lugar num estábulo; caí no sono no momento em que, cheio de energia, Tchéky Karyo lhe tirava as calcinhas de organza. A última coisa de que tive consciência foi a imagem de um pequeno grupo de porcos.

Acordei com frio e por sentir uma dor; devia ter adormecido em má posição, tinha as vértebras cervicais paralisadas. Tossi com toda a força quando me levantei, e o bafo da minha respiração encheu de vapor de água o ar gélido da sala. Estranhamente, a televisão estava a dar *Très pêche*, um programa da TF1; sendo assim, acordara a certa altura, ou pelo menos atingira o nível de conhecimento suficiente para acionar o telecomando; mas não me lembrava de nada. Agora, a emissão noturna era dedicada aos siluros, uns peixes gigantes desprovidos de escamas, mais frequentes nos rios franceses depois do aquecimento do clima, que preferem sobretudo as proximidades das centrais nucleares. A reportagem pretendia desmontar determinados mitos: é verdade que os siluros adultos chegam a atingir três ou quatro metros de comprimento; no Drôme, foram vistos espécimes com mais de cinco metros; tudo isso é perfeitamente verosímil. Em contrapartida, era completamente falso que pudessem ter instintos carnívoros ou que atacassem quem nadasse junto deles. Fosse como fosse, a auréola de suspeição existente em torno dos peixes abrangia também as pessoas que os pescavam; a pequena confraria de pescadores de siluros era mal aceite pelo conjunto dos outros colegas. E como isso os desgostava, aproveitavam o programa para desfazer essa imagem negativa. É verdade que não podiam invocar razões gastronómicas: a carne de siluro é absolutamente incomedível. Mas